

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de S. Paulo

Class.: 17

Data 16/05/77

Pg.:

Tuxauas relatam a situação dos índios de Roraima

PAMELA NUNES,
Do Sucursal de Brasília

— "Já tô cansado de falar. Somos índios daqui. Somos muitos. Temos força. Nós somos irmãos verdadeiros. Não somos como os brancos que dizem ser nosso irmão e querem nos ajudar, mas nos escravizam. Os civilizados nos exploram. Mulheres macuxi estão em Boa Vista trabalhando como cozinheira e lavadeira. Isso tá errado e a culpa é nossa que ajudamos o civilizado a crescer. Damos nossas terras e nossas riquezas. Os civilizados ficam cada vez mais rico e o índio cada vez mais pobre. Isso não tá certo. Não devemos aceitar uma lei do branco que a gente não conhece. Temos que trabalhar pelas nossas aldeias. Defender a terra que nos estão sendo roubadas. Temos sendo tapeados. Não adianta esperar pela Funai para cercar nossas terras. Minha terra como as vossas estão cheias de civilizados. Meu povo tá irritado e não quer mais esperar. O branco não nos deixa pescar, nem caçar e põe fogo na nossa palha. A gente aqui é muito atrasado. Roraima é muito longe do Sul. Ninguém sabe como nós vivemos aqui, ninguém sabe da nossa pobreza. Deixa o civilizado resolver os assuntos deles lá, que nós cuidamos do nosso problema aqui. Devemos lutar pela nossa terra. Devemos até morrer por ela". (Tuxaux Sirino, Maloca Napoleão, Roraima, 7/11/77).

Reunidos em semi-círculo, num auditório improvisado em uma das salas de aula do internato para índios da Misão São José, em Surumu, 150 líderes indígenas das tribos macuxi, wapichana e taurepang expuseram há uma semana, durante dois dias, a situação de seus povos no Território de Roraima. Segundo relatório do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), para conhecê-la, "é preciso cavar as cinzas para atingir o fogo que está por baixo da cobiça do minério e da pecuária, que têm sido o câncer dos grupos de índios da região".

Nos depoimentos em tom de desabafo dos tuxauas presentes foi possível sentir uma revolta latente no coração de um povo que há anos vem sendo massacrado pelos "civilizados". Os índios estão perdendo suas terras para os "civilizados" e estão sendo proibidos de pescar e caçar, reduzidos à condição de posseiros, constantemente expulsos de suas áreas ou tendo seus territórios diminuídos a cada dia pelas cercas construídas à sua revelia. Um Tuxaua diz, lamentando-se, que "de uma hora para outra, quando abri os olhos, estava cercado como gado no curral".

Com exceção de alguns grupos ainda primitivos como os yanomamis e os waimiri-atroaris, a grande parte dos índios do Território há muito já está em contato com o branco, a quem, em geral, servem como colono ou vaqueiro nas grandes fazendas de pecuária da região de savanas.

Os índios trabalham quase sempre de graça ou por diárias irrisórias, que ao final do mês não chegam a completar sequer um salário mínimo.

Segundo o levantamento feito pelo Cimi, o índio foi instrumentalizado por venezuelanos ou espanhóis, brasileiros ou portugueses, e colaborou com o branco mesmo na divisão e retalhamento de seu território, através das demarcações de fronteira. Perdido no meio de todos estes limites, o índio continua hoje em dia, inconscientemente, demarcando as fazendas, levantando marcos e cercas.

DOENÇAS E POBREZA

Além das doenças e da pobreza que o contato com o branco lhes impõe, diz o relatório que a educação e o progresso que o civilizado ofereceu ao índio de Roraima tem sido, "ao longo de sua história de contato, um pretexto para invadi-lo: invadir sua terra, que é a sua vida. Através da invasão sem diálogo das terras, violam também sua vida imaterial — a cultura".

Durante toda a reunião na Vila de Surumu, os Tuxauas se queixavam de que estavam esquecendo a sua língua. Muitos falavam com uma certa dificuldade, alternando palavras em português e macuxi, cujo produto final é um estranho dialeto, pobre demais para quem necessita se explicar, reivindicar, defender seus direitos. Outro fato curioso entre aqueles índios, é que muitos já perderam todas as características indígenas, chegando até a se referir a si mesmo e aos companheiros como "caboclos" ao invés de índios.

São índios pacíficos, de boa índole, e embora não se possa dizer que aceitam sua situação sem revolta em raras ocasiões há registro de indígenas dos três principais grupos do município de Boa Vista, tenham reagido com violência, à espoliação que o branco vem submetendo aqueles povos.

O relatório lembra ainda o discurso de saudação do governador Dilermano Cunha Ramos ao presidente Castelo Branco, e consta que o governador revelou que a "terra está caindo mais e mais nas mãos do latifúndio, forçando as concentrações de pequenos agricultores, geralmente formados por nordestinos, como Mucajat e outras,

a se mudarem para a cidade de Boa Vista e Caracarái, ambas nascidas em antigas fazendas pecuárias".

Segundo ainda o relatório do Cimi, ao contrário dos índios do Norte de Mato Grosso e dos Estados do Sul, em idêntico grau de aculturação e integração, os índios de Roraima perderam todo o seu artesanato, com exceção de alguns artefatos úteis no dia-a-dia, não fazendo mais nenhum trabalho desse tipo, sequer para vender. Os Macuxi, Wapichana e Taurepang inclusive são todos cristãos, batizados, em sua maioria católicos. Em Boa Vista, pelo menos 60% das pessoas que procuram a sede da prelazia para registros de batismo e casamento são Wapixana ou Macuxis.

Um dos grandes problemas que vem atingindo aqueles populações indígenas é quanto à saúde pela falta de condições de locomoção em caso de necessidade, o abandono dos doentes e a falta de medicamentos e de postos médicos. Esses fatores foram apontados pelos índios durante a Assembleia, como um dos principais motivos do êxodo para as cidades. Os principais males que atingem, os indígenas da região do lavrado são, a gripe, febre, picadas de cobras, alcoolismo, falta de higiene, desintéria e verminose.

ESPOLIAÇÃO REVELADA

No levantamento realizado há poucos meses pelos missionários do Cimi, eles relacionam as diversas formas de exploração dos índios da região do lavrado, explicando os diversos processos que os levam a perder suas terras, matas e lagos. As terras do lavrado, por exemplo, já foram todas griladas por meios oficiais ou officiosos, inclusive aquelas demarcadas explicitamente por Rondon para os Macuxi e Jaricunas.

Os territórios dos Ianomomi já se encontram, como os dos waimiri-atroari, atravessado de Leste a Oeste pela rodovia Perimetral Norte, e "os grandes madeireiros, latifundiários e empresas miteradoras já estão na boca da estrada, esperando que a Funai abra a barreira ou cochile, para criar o primeiro fato consumado, que desencadeará o processo irreversível".

Apesar do grau de consciência atingido por alguns índios, como esse tuxaua da aldeia Napoleão, a grande maioria se submete a trabalhar para fazendeiros por baixos salários, ou mesmo sem pagá-los como aconteceu com o Tuxaua da maloca do Limão que contou durante o encontro que "o fazendeiro Nilton Tavares contratou um grupo de índios, liderados pelo Adolfo, um Macuxi, para tirarem 3 mil estacas para cercar a fazenda situada na reserva, a 2 cruzeiros a estaca e sem fornecer o rancho."

Segundo o relato do chefe índio, quando foi reclamar o que era seu, o capitão da fazenda e o sr. Rui Tavares, irmão do fazendeiro, limitaram-se a dizer ao índio — "Vai pedir ao chefe de posto da Funai, (da maloca da Raposa) para que ele venha contar primeiro as madeiras tiradas. Só depois vamos pagá-las".

Agora, iludidos com novas promessas, os mesmos índios estão tirando estacas para o fazendeiro Raimundo Cardoso, pertencente ao mesmo grupo de Nilton Tavares.

A TVR — Tácito Viana Rodrigues — empresa que vem construindo a ponte sobre o rio Cotíngio, está utilizando 70% de mão-de-obra indígena, sem que um só tenha sido contratado dentro das exigências do Estatuto do Índio e das leis trabalhistas.

Os problemas são indefinidamente protelados e os tuxauas são iludidos por promessas sem fim, para que esperem sempre e jamais assumam eles mesmos os seus destinos.